

Juventude.br é uma publicação do
**Centro de Estudos e Memória da
Juventude – CEMJ**

Rua Treze de Maio, 1016 - conj. 2
Bela Vista São Paulo - SP – CEP 01327-000
cemj@cemj.org.br www.cemj.org.br

Editor: Fábio Palácio de Azevedo
Capa e diagramação: Cláudio Gonzalez
Assessoria editorial: Fernando Garcia
Preparação e revisão de originais: Fábio
Palácio de Azevedo
Tiragem: 5.000 exemplares

CONSELHO CONSULTIVO DO CEMJ:

Alessandro Lutfy Ponce de Leon, Arthur
José Poerner, Augusto Buonicore, Fabiano
de Souza Lima, José Carlos Ruy, Mary Castro,
Natividad Guerrero Borrego, Regina Novaes.

DIRETORIA DO CEMJ:

Presidente

Fábio Palácio de Azevedo

Diretor de Planejamento e Patrimônio

Fabiana Costa

Secretário Geral

Márcio Pereira Cabral

Diretora de Políticas Públicas

Fabiana Costa

Diretor de Estudos e Pesquisas

Fernando Garcia de Faria

Diretora de Memória

Raisa Luisa de Assis Marques

Diretora de Cultura

Carolina Maria Ruy

Diretor de Comunicação

Vandré Fernandes Barros

Diretora de Atividades Educativas e Esportivas

Kátia Sabrina Dudik

A revista **juventude.br** aceita colaborações que
lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a
critério da editoria e do Conselho Consultivo do
CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um
artigo não implica em compromisso da revista ou
do CEMJ com seu conteúdo. As opiniões emitidas
são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os
artigos enviados não devem exceder 20 laudas
de 1.400 caracteres com espaços. Artigos maiores
dependerão de acerto prévio com o editor. Os
artigos devem ser enviados no programa Word
for Windows e os originais não serão devolvidos.
Citações devem seguir as normas da Associação
Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O ANO EM QUE A JUVENTUDE MOSTROU SUA FORÇA

*“As vestes poeirentas de nossos dias
Cabe a ti, juventude, sacudi-las!”*

Vladimir Maiakovski

Desde que nasceu, em 1984, ainda como Centro de Memória da Juventude (CMJ), o atual Centro de Estudos e Memória da Juventude sempre teve no resgate histórico sua principal atividade e seu motivo de ser. O reforço posterior de suas atividades de pesquisa sociológica e consultoria, longe de nos afastar do resgate da rica história de participação da juventude brasileira, só fez acentuar ainda mais a necessidade de empreender essa tarefa.

Os diretores e pesquisadores do CEMJ têm repetido frequentemente uma frase que já se consagrou como uma espécie de *slogan* do nosso Centro: “uma juventude sem memória é uma juventude sem identidade”. Com efeito, é preciso reconhecer que, em um país como o nosso, carente de exemplos, ídolos e referências capazes de inspirar nossa juventude, torna-se ainda mais difícil reforçar o sentido de pertencimento que está na base de praticamente todos os projetos coletivos.

Por outro lado, exemplos e referências são coisas que se forjam no exame da experiência, confrontando aquilo que fomos no passado com o que somos hoje. É a partir desse saudável exercício que podemos compreender os fatores que condicionam a realidade atual, bem como os desafios que devem ser enfrentados tendo em vista a construção de um novo projeto para nosso povo e nosso país.

É pensando em questões como essas que o CEMJ lança mais esta edição de *Juventude.br*. Quase que inteiramente voltada ao resgate histórico do protagonismo da juventude brasileira, esta quinta edição destaca o ano de 1968. Se é verdade que a juventude acumula, em especial através de suas entidades e organizações, uma quantidade considerável de feitos históricos, isso fica ainda mais claro através da análise desse momento “mágico” – como o caracteriza a historiadora Angélica Müller em artigo publicado nesta edição.

Período marcante para a juventude brasileira e mundial, os acontecimentos que hoje completam 40 anos revelam muito do caráter sonhador, mas também da força realizadora que possui a juventude quando é chamada à tarefa de enterrar o velho e trazer à luz o novo – seja em matéria de estruturas econômicas e políticas anacrônicas, seja em matéria de valores, hábitos e costumes.

Entender o que exatamente se passou em 1968 não tem sido tarefa fácil. Isso não só pela multiplicidade de enfoques possíveis – motivada inclusive pela enorme variedade de bandeiras e objetivos relacionados às mobilizações de 68 –, mas também pela diversidade de interesses que entram em campo quando se tenta lembrar aquele período. Afinal de contas, jamais poderemos nos esquecer de que também a memória é um terreno de disputa.

Longe de esgotar o esforço de interpretação histórica daquele período – que sempre será polêmico –, o que intentamos é jogar luzes sobre uma época cujo exame é decisivo para a compreensão da dinâmica que permeia as ações de massa da juventude.



* * *

Algumas questões saltam aos olhos quando se coloca em pauta um reexame de 68. Por que esse movimento teve tanta força? Por que em um ponto específico da história recente da humanidade concentrou-se tanta energia revolucionária, tanto desejo de mudança? Por que tudo isso encontrou na juventude e nos estudantes um ator privilegiado, um segmento da sociedade que – como afirma Arthur Poerner nesta edição de *Juventude.br* – inundava a todos de “esperanças libertárias”?

Acima de todas essas questões, uma se coloca, imperativa. Por que 68 eclodiu de forma tão avassaladora e ao mesmo tempo em tantos lugares, da Alemanha aos Estados Unidos, da França ao Brasil, da então Tchecoslováquia ao México, com tamanha abrangência e regularidade, apesar da diversidade de colorações marcadamente nacionais que caracterizaram aquele movimento?

Tentando jogar luz sobre essas e outras questões relacionadas àquele momento de efervescência, *Juventude.br* publica, nesta edição, uma série de textos relacionados aos acontecimentos de 68. Longe de esgotar o esforço de interpretação histórica daquele período – que sempre será polêmico –, o que intentamos é jogar luzes sobre uma época cujo exame é decisivo para a compreensão da dinâmica que permeia as ações de massa da juventude.

Como temos procurado deixar claro em boa parte de nossos trabalhos e publicações, o ano de 1968 está aí para provar que a juventude se move antes por “causas que por coisas”. Se tem sido perfeitamente capaz de realizar os mais variados movimentos de natureza reivindicatória – boa parte deles vitoriosos, como nos mostram os registros históricos –, é no entanto no terreno do sonho, da utopia, do imponderável, do desejo de mudar o mundo, enfim, que a juventude e os movimentos juvenis têm transitado com maior desenvoltura.

Não à toa, como afirma João Quartim de Moraes em sua participação nesta edição de *Juventude.br*, “na esquerda de 1968 as convicções predominavam amplamente sobre os interesses, o que explica, para além dos erros mortíferos cometidos pela geração da luta armada, a dificuldade que experimentam os ‘realistas de bom-senso’ para compreender-lhe as motivações”.

Em 14 de junho de 1928 – há 80 anos portanto –, no município de Rosário, na Argentina, nascia Ernesto Guevara de la Serna. Líder de lutas importantes e do mais radical processo revolucionário já ocorrido em nosso continente – a Revolução Cubana – a figura do “Che” acabaria passando à história como algo mais que a de um “grande revolucionário”. Forjar-se-ia em torno a seu nome um mito carregado de significados. Che é hoje um símbolo da rebeldia que inspira os povos e, em especial, a juventude de todo o mundo.

No número anterior de *Juventude.br* relembramos com pesar, mas também com reverência, os quarenta anos da morte do “Comandante”, covardemente assassinado nas selvas da Bolívia a 9 de outubro de 1967. Agora, passados pouco mais de seis meses, quando o mundo volta a reverenciar a figura do Che por ocasião dos 80 anos de seu nascimento, fazemos nova carga de reflexão sobre o significado de sua obra para a juventude e os povos de todo o mundo.

É assim que, nesta edição, apresentamos mais dois artigos sobre a herança teórica do Che e seu legado para o enfrentamento dos desafios atuais, e em particular para a construção daquilo que ele chamava de “Homem novo”. Tema caro, sem dúvida, à juventude de todo o mundo, e, não à toa, profundamente entrelaçado à atitude daqueles que ergueram barricadas e protagonizaram os chamados “acontecimentos de 68”. 

